

# DIREÇÃO ESPIRITUAL EM S. JOÃO BOSCO

## Características peculiares da direção espiritual oferecida por Dom Bosco aos jovens

Aldo GIRAUDO, sdb

Quando nos aproximamos de Dom Bosco para estudá-lo na perspectiva do acompanhamento espiritual dos jovens, logo descobrimos a dificuldade de nele distinguir as atitudes, os métodos e os conteúdos que o qualificam como educador dos que o caracterizam no exercício do ministério da direção espiritual.

Nesta primeira parte da minha intervenção apresentarei algumas reflexões sobre o estreitíssimo liame que existe entre a missão educativa de Dom Bosco e a orientação espiritual dos jovens, e as consequências que esse liame comporta para a missão formativa salesiana.

### 1. DOM BOSCO ACOMPANHANTE NO AMBIENTE EDUCATIVO SALESIANO

Como identificar os traços que caracterizam o modelo de acompanhamento espiritual praticado e ensinado por Dom Bosco? Observando o santo educador em ação, no ambiente formativo global do Oratório, e o seu modo de relacionar-se com os jovens.

1. Dom Bosco é um pastor-educador, que não se limitou a atividades tradicionais (pregação, catecismo, confissões e celebração eucarística) ou ao contato ministerial pessoal com cada um dos jovens. Preocupou-se imediatamente em *criar um ambiente educativo* bem ordenado, rico de propostas formativas e de relações humanas. Nesse tipo de ambiente é que ele procurava inserir meninos e jovens (de preferência adolescentes) a fim de poder “conquistá-los” para Deus, para depois acompanhá-los, passo a passo, na formação cristã da própria personalidade, por meio de *um processo educativo pleno*. No Oratório e nas outras obras educativas salesianas o encontro entre o formador e o jovem acontece no contexto de uma comunidade educativo-pastoral variada.

Nesse *ambiente formativo global*, o acompanhamento não se limita ao momento do diálogo íntimo e do sacramento, mas se conecta, integra e mistura com os demais estímulos formativos comunitários postos em ação. Está estreitamente ligado com a ação educativa e os ritmos da vida quotidiana. Na perspectiva de Dom Bosco e no seu modelo de comunidade, acompanhante e acompanhado encontram-se diariamente e de modo informal nos ambientes de vida, estabelecem frequentes trocas de ideias, compartilham momentos de trabalho e de recreação, numa relação de recíproco conhecimento, muitas vezes também de intensa amizade, que prepara e dispõe à confiança, à entrega e à docilidade.

A relação de *paternidade espiritual é o prolongamento de uma paternidade educativa* feita de ensinamentos comunitários, de doação, de presença amorosa, de entendimentos e cumplicidade. Para cada jovem, Dom Bosco confessor e diretor espiritual também é aquele que o acolheu com afeto, que o sustenta, instrui e educa, e estimula a dar o melhor de si na comunidade e no trabalho cotidiano. A seu lado estão os assistentes, os formadores e os jovens amigos com os quais pode compartilhar a mesma tensão ética, os mesmos valores espirituais, num diálogo estimulante e fecundo.

É preciso dizer também que, na perspectiva e na prática educativa de Dom Bosco, tudo que ele faz é orientado para a “educação cristã” dos jovens. Portanto, a sua ação educativa, o cuidado pela relação paternal e amigável não se reduz à dimensão pedagógica e assistencial: *tende a um acompanhamento formativo que tem o seu vértice no acompanhamento espiritual*. Se privarmos o sistema preventivo de Dom Bosco desta tensão, reduzimo-lo a um simples serviço social e a um conjunto mais ou menos eficaz de conselhos orientados para a prática educativa. Dessa forma perde-se algo essencial para a compreensão da fecundidade histórica da sua pedagogia e corre-se o risco de comprometer de saída a eficácia de qualquer experiência educativa que hoje queira se inspirar nele. *O acompanhamento espiritual com vistas à perfeição cristã é parte essencial e necessária da pedagogia salesiana*.

2. A relação de acompanhamento entre o Santo e os jovens tem *tonalidades e graduações diversas*: de certo tipo é a relação que ele consegue estabelecer com os jovens do Oratório festivo, com os quais se encontra quase somente aos domingos e na confissão; de outro tipo é a ligação que consegue construir com aqueles que moram dia e noite na comunidade educativa; de maior intensidade

e profundidade é o entendimento que tende a se estabelecer com aqueles jovens que mostram disponibilidade diante de percursos formativos de qualidade em perspectiva vocacional; muito profunda e confidencial é a amizade espiritual que o liga com aqueles que decidem unir-se a ele na missão salesiana. Com todos, como “amigo fiel da alma”, Dom Bosco procura criar as condições favoráveis para um tipo de *encontro confidencial e íntimo que se torna mais intenso e eficaz no sacramento da penitência*.

Sabemos, todavia, que o seu método educativo *não é elitista nem seletivo*, porque se caracteriza por *forte tensão missionária*. Se possível, ele queria atingir todos os jovens de um território, começando pelos mais pobres e abandonados, pelos dissipados e “em perigo”, pelos distantes, a fim de levar a todos para Deus, através de percursos graduais e adaptados a cada um. Dom Bosco tende a criar comunidades de vida nas quais, por meio do encontro cordial e da presença contínua, da proximidade empática dos educadores (assistência salesiana), se possam estabelecer relações de confiança e de amizade. Ele mira a conquista dos corações. Para isto, emprega instrumentos comunicativos, linguagens e experiências tais que, por um lado, todos possam sentir o Oratório ou a obra salesiana como a sua casa, onde estão à vontade e, por outra, todos possam dar-se conta do fascínio e da atração da proposta cristã, a ponto de amadurecer o desejo de “romper com o demônio”<sup>1</sup>, “entregar-se a Deus” e buscar a perfeição.

3. Além disso, também neste âmbito, a prevenção é coessencial ao modelo formativo de Dom Bosco e ao seu método, tanto para proteger, quanto para promover. Está historicamente documentado que houve uma gradual redução da idade dos destinatários da obra de Dom Bosco. O Oratório dos primeiros anos (1843-1849) destina-se a tirar da rua nos dias festivos os jovens operários entre os 14 e os 20 anos. Ao passo que, a partir de 1850, vão para o Oratório, de preferência, meninos pré-adolescentes, entre os 11 e 15 anos. Não foi somente um fato sociológico (tinham surgido outras realidades agregativas que atraíam os jovens mais crescidos), foi uma opção amadurecida por Dom Bosco com a experiência que o levou a compreender a importância da *prevenção espiritual*. Progressivamente, ele se deu conta de que a formação cristã dos jovens é tanto mais garantida e sólida quanto antes se der início ao acompanhamento espiritual. Como tantos

---

<sup>1</sup> Cf. G. BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Orat. di S. Franc. di Sales*. Segunda edição aumentada, Turim, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales 1866, 18.

outros no seu tempo, ele descobre a receptividade dos meninos e dos pré-adolescentes e a importância de uma ação formativa, de um acompanhamento espiritual adequado. Eles são capazes de elã generoso e de doação total, facilmente impressionáveis, positivamente abertos aos valores do espírito, à conversão do coração, prontos a assumir os compromissos batismais e a deixar-se guiar pelo Espírito Santo, a abrir-se sem condições a Deus e à ação da sua graça. Um dia teria dito: “Deem-me um menino que ainda não tem 14 anos, e eu farei dele o que quiser”.<sup>2</sup> *Com os pré-adolescentes, Dom Bosco obteve os resultados espirituais mais surpreendentes.* As vidas de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco dão testemunho disso. Demonstram-no também os discípulos mais fiéis, Rua, Cagliero, Francesia, Bonetti e outros, que foram conquistados e plasmados por ele precisamente a partir da pré-adolescência, numa relação de intimidade afetuosa e de acompanhamento espiritual atento e extremamente eficaz.

“É uma grande ventura – escreve a propósito do “espírito de oração” na vida de Francisco Besucco – para quem desde pequeno é orientado na oração e toma gosto por ela. Pela oração, está sempre aberta a fonte das bênçãos divinas. Besucco pertenceu ao belo número desses jovens. A assistência que os pais lhe prestaram desde os mais tenros anos, o cuidado que teve com ele seu professor e especialmente o seu pároco produziram o fruto desejado no nosso jovem”.<sup>3</sup>

Entre os grandes diretores espirituais carismáticos da história da Igreja, pode-se dizer que Dom Bosco é aquele que, de modo mais explícito, se dedicou de preferência aos pré-adolescentes e elaborou um método para o seu acompanhamento espiritual, dando início a uma escola de formação espiritual para meninos que teve grande repercussão histórica, dentro e fora da obra salesiana.

4. Naturalmente, o caminho formativo, tão bem fundado na pré-adolescência, é posteriormente consolidado com *um tipo de acompanhamento sóbrio*, mas muito eficaz, graças ao entendimento profundo e à cumplicidade espiritual que se criou nos anos precedentes entre o diretor-confessor e os jovens, mas *também em virtude da qualidade do ambiente educativo* no qual os jovens são inse-

<sup>2</sup> G. ALBERTOTTI, *Chi era Don Bosco ossia biografia fisio-psico-patologica di Don Bosco scritta dal suo medico Dott. Albertotti, pubblicata dal figlio*, Gênova, Poligrafica San Giorgio 1929, 13-14.

<sup>3</sup> G. BOSCO, *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d'Argentera*. Edizione seconda, Turim, Tipografia e Libreria salesiana 1878, 95-96.

ridos e pelo papel ativo que lhes é confiado. Por isso, Dom Bosco queria comunidades educativas conscientes da sua função prioritária, sensíveis às instâncias do ânimo juvenil e que fossem fervorosas. Queria salesianos presentes, dedicados, exemplares, formadores ardentes e ao mesmo tempo respeitosos, abertos, pacientes e constantes. Insistia para que cuidassem dos detalhes, se multiplicassem as propostas e as ocasiões formativas, num clima de grande liberdade. Exortava a falar com frequência da beleza da virtude e da alegria que deriva de uma vida na graça, a encorajar a todos a “entregar-se totalmente ao Senhor” e a empreender um caminho espiritual. O desejo de progredir e a decisão de confiar-se a um guia espiritual são fruto conjunto da ação do Espírito Santo no coração, do empenho dos educadores, dos estímulos oferecidos pelo ambiente, do exemplo dos colegas, da qualidade e da intensidade de algumas experiências privilegiadas (retiros, exercícios espirituais, encontros...).

Por muitos aspectos, estamos longe das modalidades da direção espiritual clássica, a do discípulo que vai ao encontro do mestre e abre-se com ele. Aqui, a função principal é desempenhada pelo clima estimulante do ambiente educativo e pelo zelo do pastor-educador, que se dedica à busca das suas ovelhas com mil iniciativas, instaura relações recíprocas significativas e cordiais, cuida de tudo o que pode ajudar a predispor o ânimo ao desejo da vida espiritual.

Tudo isto é transmitido na tradição salesiana até tempos relativamente recentes. Por mais de cem anos o acompanhamento espiritual dos pré-adolescentes e dos adolescentes foi uma prioridade, a tal ponto que cada obra salesiana tinha *um irmão especificamente dedicado a isto, o “catequista”* (que não era simplesmente um “animador pastoral”). Era escolhido com muito cuidado, com base em qualidades humanas e apostólicas específicas. Tinha a tarefa de *ajudar o diretor na condução espiritual comunitária e no trabalho formativo personalizado*. Devia vigiar sobre a moralidade do ambiente, cuidar da qualidade da formação cristã: catequese, vida de oração, sacramentos, preparação das festas, retiros mensais e exercícios espirituais anuais. Devia favorecer as Companhias (associações) religiosas e garantir sua dimensão formativa. Era convidado a buscar oportunidades de diálogo pessoal com cada um, a sugerir textos de meditação e de leitura espiritual, a assumir o cuidado especial pelas vocações. Quantos de nós, educados desde meninos nas casas salesianas, antes de 1971, experimentamos a eficácia desta metodologia de acompanhamento e, provavelmente, devemos precisamente aos cuidados do catequista a ventura de empreender um caminho espiritual, de

adquirir o gosto pela meditação e pela oração, a opção de abraçar a vocação salesiana.

5. Com o Capítulo Geral Especial (1971) desaparece das Constituições e dos Regulamentos renovados (1972) a articulação das figuras educativas tradicionais (a partir do próprio governo central da Congregação), em nome de uma renovação pastoral e de um “*redimensionamento* corajoso e profundo” que atribui toda a responsabilidade à *comunidade educativa*, constituída em corresponsabilidade por educadores religiosos e leigos, de jovens e suas famílias, e à programação e revisão anual, mas já sem responsáveis referenciais de setor. *Cai, assim, uma praxe educativa e pastoral consolidada* e concretizada em encargos institucionais, em atividades e iniciativas compartilhadas em todo o mundo salesiano. Tudo é “descentralizado” e deixado à iniciativa local.

A Congregação, por meio dos Capítulos gerais e de outros documentos, limita-se a formular princípios inspiradores, sem descer a detalhes, a sugerir a elaboração de projetos educativo-pastorais, a fazer declarações de princípio. Hoje, à distância de quarenta anos, a leitura daqueles textos deixa entrever as instâncias e as aspirações sinceras que orientaram aquelas opções, mas também o abstrairmento daqueles enunciados e das próprias “orientações operativas”. Hoje estamos em condições de *fazer um balancete*, de olhar com maior serenidade para uma tradição educativa e uma articulação formativa que então podia ser entendida como pesada e formal, não mais adaptada às novas situações. Enquanto tal, ela foi abandonada, sem, porém, ser substituída pela definição concreta de figuras e processos formativos que pudessem recuperar a tensão pastoral e os aspectos carismáticos de que era portadora.

Em síntese, creio que hoje *não basta dizer que é importante voltar a cuidar de forma mais atenta e sistemática da formação cristã dos jovens e do acompanhamento espiritual*; não basta fazer seminários, instituir mestrado e criar laboratórios de direção espiritual. É preciso voltar a *refletir sobre as pessoas explicitamente encarregadas deste ministério nas comunidades educativas*, sobre os tempos, os modos, as formas, as iniciativas. E isto deve ser traduzido em *opções de governo*, em revisão da organização e da regulamentação das obras, em *definições de encargos e tarefas* bem detalhados. Diversamente, tudo acabará em piás exortações e boas intenções; tudo será deixado à boa vontade e à sensibilidade de cada salesiano, que se verá obrigado a beber de outras fontes, a sair em busca de outras práticas pastorais e reservar-se retalhos de espaços formativos

fora dos espaços oficiais e dos ritmos educativos praticados nas obras salesianas. Nestes últimos anos assistimos – confortados, mas também receosos – a várias iniciativas significativas de alguns irmãos ou irmãs mais zelosos, que se sentiram na obrigação de fundar escolas de oração, constituir grupos de formação ou movimentos, fundar centros de espiritualidade, oásis e comunidades contemplativas, fora, porém, das instituições salesianas.

Em síntese:

- o acompanhamento espiritual dos jovens por parte de Dom Bosco ocorre no interior de um ambiente formativo global e de um processo educativo voltado para a “educação cristã”, e que se encarna na interação educativa; a paternidade espiritual é o prolongamento da paternidade educativa;
- o tipo de acompanhamento praticado por Dom Bosco possui diversas graduações, conforme os destinatários e a sua situação pessoal; tem seu momento central no sacramento da penitência; tende a alcançar a todos, para levá-los a Deus e entusiasamá-los pela perfeição cristã;
- sua direção tem caráter marcadamente preventivo, por isso privilegia os adolescentes, com os quais obtém os resultados espirituais mais surpreendentes;
- o caminho formativo continua na adolescência graças à relação confessor/diretor, à qualidade do ambiente educativo e à participação ativa confiada aos jovens; tudo isso requer comunidades conscientes e fervorosas, salesianos dedicados e presentes, pluralidade de propostas, capacidade de apresentar de forma atraente a vida espiritual; para alcançar este objetivo, Dom Bosco tinha definido encargos e tarefas formativas bem definidas, que são abandonadas depois do CG XX;
- hoje é tempo de avaliação: não bastam exortações, são necessárias também decisões institucionais.

## **2. AS ATITUDES DO ACOMPANHANTE E DO ACOMPANHADO**

Podemos dizer que *o acompanhamento espiritual é parte essencial da assistência salesiana*, da forma como era entendida por Dom Bosco. S. Francisco

de Sales, no prefácio da *Introdução à vida devota*, por duas vezes usa o termo “assistência” (*assistance*) para qualificar a função do diretor espiritual, que ele qualifica ora como “condutor” (*conducteur*) e “amigo fiel”, ora como “guia” e “anjo da guarda”: de fato, deve *indicar o caminho e conduzir, avisar, aconselhar, medicar, consolar, preservar do mal e consolidar no bem*. Sua tarefa vai além de um acompanhamento amigável ou do *counseling*, porque é compartilhamento de experiências vividas pessoalmente e mira a oferecer estímulos apaixonados para encorajar a enveredar com determinação, ardor do coração e alegria do espírito na estrada da vida interior. Descobrimos uma grande sintonia com o modelo de acompanhamento apresentado por Dom Bosco.

1. As atitudes do acompanhante espiritual coincidem com os *traços que caracterizam o educador salesiano, delineados nos escritos sobre o Sistema Preventivo*. Trata-se de textos que vale a pena retomar na perspectiva do acompanhamento espiritual. Os resultados formativos estão garantidos, diz Dom Bosco, somente “se o educador se dedicar com *zelo* à sua obra”; ele “é um *indivíduo consagrado ao bem dos seus jovens*, por isso deve estar *pronto a enfrentar qualquer incômodo*, qualquer fadiga para alcançar sua finalidade”. O diretor e os assistentes, “quais *pais amorosos* falem, sirvam de guia em tudo, deem conselhos e amorosamente corrijam”, inspirando a própria intervenção e suas atitudes na caridade cristã, que “é benigna e paciente, sofre tudo, mas espera tudo e suporta qualquer contrariedade”. “O diretor, portanto, deve *consagrar-se aos seus educandos*, nem deve assumir compromissos que o afastem da sua função, pelo contrário, deve estar sempre com seus jovens”. Assim, depois de “conquistar” seu coração, ele “poderá exercer sobre eles um grande domínio, orientá-los, aconselhá-los e corrigi-los”.<sup>4</sup> A relação entre formador salesiano e jovem deve caracterizar-se pela “*maior cordialidade*”, porque “a *familiaridade* leva ao amor, e o amor cria confiança. É assim que ela abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem medo [...], tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão, e atendem docilmente a tudo o que determinar aquele do qual estão certos de serem amados”. Mas a familiaridade se constrói “*especialmente no recreio*”:<sup>5</sup>

<sup>4</sup> G. BOSCO, *Il sistema preventivo nell'educazione della gioventù*, in P. BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*, Roma, LAS 1997, 258-266.

<sup>5</sup> G. BOSCO, *Due lettere da Roma, 10 maggio 1884*, in BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore*, 378 e 384.



“Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! O professor visto apenas na cátedra é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens torna-se irmão. Se alguém é visto somente a pregar do púlpito, dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever; mas se diz uma palavra no recreio, é palavra de alguém que ama. Quantas conversões não provocaram algumas palavras suas ditas ocasionalmente aos ouvidos de um jovem enquanto brincava! Quem sabe que é amado, ama; e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse amor faz os superiores suportarem canseiras, aborrecimento, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida, nem apagou a mecha que fumeja. Eis vosso modelo [...]. Se houver esse verdadeiro amor, não se haverá de procurar senão a glória de Deus e a salvação das almas”.<sup>6</sup>

Esta *vizinhança amiga e paterna* é entendida por Dom Bosco como essencial para o modelo salesiano de pastor de almas. Nas *Memórias do Oratório* acena à sua reação diante do estilo de relacionamento distante dos padres de Castelnuovo.<sup>7</sup> Também o comportamento dos superiores do seminário, que, sabemos, o amavam, não o satisfaz: “Quantas vezes queria falar, pedir-lhes conselho ou solução de dúvidas”; eram muito austeros, distantes e isso alimentava o seu desejo “de ser quanto antes padre para ficar no meio dos jovens, assisti-los e ajudá-los no que fosse preciso”.<sup>8</sup>

2. Nas *Memórias do Oratório* encontramos também as atitudes que caracterizam o modelo ideal de acompanhante espiritual segundo Dom Bosco. Ele as encarna em alguns personagens postos em cena. Em primeiro lugar, quando fala da *assistência espiritual* que sua mãe lhe proporcionou: dela recebe a primeira instrução religiosa, por ela é encaminhado à oração, é apoiado com delicada atenção na primeira confissão e na primeira comunhão. O relato enfatiza sua função

---

<sup>6</sup> *Ibid.*

<sup>7</sup> “Se eu fosse padre, agiria de outro jeito. Gostaria de aproximar-me dos meninos, dizer-lhes uma boa palavra, dar-lhes bons conselhos”, SÃO JOÃO BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, Tradução de Fausto Santa Catarina, 3ª edição, revista e ampliada, aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira, Editora Salesiana, São Paulo 2005, 49. [N.T. A seguir, serão citadas como J. BOSCO, *Memórias*].

<sup>8</sup> J. BOSCO, *Memórias*, 93.

formativa, apresentando-a como emblema da *orientação espiritual personalizada*. Esta é descrita como uma relação educativa capaz de estabelecer, por meio da razão, da religião e da amabilidade, um fluxo comunicativo intenso que atinge a mente, o coração e a consciência do filho.

“Mamãe *assistiu-me* vários dias – ele escreve lembrando os cuidados para com ele aos onze anos –, e durante a quaresma levou-me três vezes para confessar-me. «Meu João, disse repetidamente, Deus está preparando um grande presente para ti, mas procura preparar-te bem, confessar, não calar nada na confissão. Confessa tudo, arrepende-te de tudo, e promete a Deus ser melhor para o futuro» [...]. Em casa fazia-me rezar, ler um bom livro, dando-me os conselhos que uma mãe industriosa julga oportunos para seus filhos”. Na noite daquele dia, “entre muitas outras coisas, mamãe repetiu-me várias vezes estas palavras: «Meu filho, este foi um grande dia para ti. Estou certa de que Deus tomou realmente posse do teu coração. Promete-lhe agora que farás o que pudeses para te conservares bom até o fim da vida. Para o futuro, comunga frequentemente, mas jamais cometas sacrilégio. Diz sempre tudo na confissão. Sê sempre obediente, vai de boa vontade à doutrina e aos sermões, mas, por amor de Deus, foge como da peste dos que têm más conversas». Guardei as recomendações da minha piedosa mãe e esforcei-me por praticá-las, e parece-me que desde esse dia houve alguma melhora em minha vida, especialmente na obediência e submissão aos outros, o que antes me custava muito”.<sup>9</sup>

Poder-se-ia objetar que a ação de mamãe Margarida deve ser entendida mais como “educação religiosa” do que como “acompanhamento espiritual”. Todavia, o contexto geral em que Dom Bosco produz sua memória autobiográfica, seus objetivos e os destinatários da narração, induzem a pensar que no seu modo de ver, esta ação educativa se apresenta como uma iniciação espiritual verdadeira e própria, e a assistência materna é entendida por ele como o primeiro e importante ato de acompanhamento espiritual. De fato, da arte pedagógica ele amplia o discurso para a *mistagogia espiritual* e o *testemunho pessoal*. Nas *Memórias do Oratório*, Margarida emerge como ícone daquele tipo de pastoral familiar em que se inspira o método formativo de Oratório.

3. Mais tarde, perto da adolescência, o encontro com o “coração paterno” do padre Calosso determinará um progresso decisivo na vida espiritual de João.

---

<sup>9</sup> *Ibid.*

O velho sacerdote o *introduz nos dinamismos da vida interior*. Lendo o relato do encontro e do diálogo entre os dois, vêm à mente tantos outros colóquios entre Dom Bosco e os jovens, e o seu jeito típico de olhar amorosamente para eles, a ponto de abrir a mente e o coração a uma recíproca empatia comunicativa. Dom Bosco dá grande relevo aos efeitos positivos da *amizade educativa com o padre Calosso* e ao valor simbólico a ela atribuído.

“Coloquei-me logo mãos mãos do padre Calosso [...]. *Abri-me inteiramente com ele*. Manifestava-lhe prontamente qualquer palavra, pensamento e ação. Isso muito lhe agradou, porque dessa maneira podia orientar-me com segurança no espiritual e no temporal. Fiquei sabendo assim quanto vale um guia estável, um fiel amigo da alma, que até então não tivera”.<sup>10</sup>

No comportamento do velho sacerdote que se aproxima do jovem com coração pastoral e se responsabiliza por ele, no intenso vínculo de paternidade-filiação que progressivamente se amplia entre eles, na confiante entrega do discípulo que se abre à plena revelação dos pensamentos e à obediência filial, podemos identificar alguns traços típicos do acompanhamento espiritual. Os bons resultados obtidos fazem-nos intuir o impacto da acolhida paterna e a assistência formativa do padre Calosso na alma de João: “A partir desse tempo *comecei a perceber o que é a vida espiritual*, pois antes agira de maneira um tanto material, qual máquina que faz uma coisa sem saber por quê”.<sup>11</sup> Ele vive uma espécie de *geração espiritual* que desperta a sua consciência interior. Há comunicação de vida entre um pai generosamente acolhedor e um filho que se sente felizmente amado e prova no seu íntimo, de forma incisiva, *um nascimento para Deus e para si mesmo*. João, que tem entre 14 e 15 anos, é ajudado a *penetrar num nível mais profundo do próprio espírito*, no qual “saboreia” a beleza e a alegria da vida espiritual. Nesse tipo de acompanhamento existe também uma componente de instrução, de correção e de estímulo, típica de uma correta relação educativa: “Entre outras coisas, proibiu-me logo uma penitência que eu costumava fazer e que não era apropriada à minha idade e condição. Animou-me a frequentar a confissão e a comunhão, e ensinou-me a fazer todos os dias uma breve meditação, ou melhor, uma pequena leitura espiritual”.<sup>12</sup> Não se trata de uma simples catequese sobre

---

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> *Ibid.*

<sup>12</sup> *Ibid.*

Deus, a vida virtuosa ou moral, mas de um acompanhamento do jovem rumo a uma fé sempre mais consciente e ardente. O adolescente é ajudado a tomar consciência de si mesmo, dos seus desejos profundos; é sustentado no esforço de purificá-los, retificá-los e orientá-los para Deus. Nisto ele prova uma satisfação, uma alegria, uma iluminação e um gosto de vida completamente novos...

4. Importantíssimo, segundo Dom Bosco, é também o aspecto exterior, o modo de ser e de se apresentar, de entrar em relação com os jovens. O teólogo Borel entra em cena nas *Memórias* como modelo deste *estilo relacional* “*salesiano*”, *simpático e jovial*, unindo a *profundidade interior* e o *ardor comunicativo*:

“Entrou na sacristia com ar alegre, com gracejos temperados sempre de pensamentos morais. Quando lhe observei a preparação e a ação de graças da missa, a atitude, o fervor na celebração, percebi de golpe que era um digno sacerdote [...]. Quando, então, começou as pregações, impressionando pela simplicidade, vivacidade, clareza e inflamada caridade, que transparecia de todas as suas palavras, todos repetiam que era um santo”. O resultado foi que “todos porfiavam em confessar-se com ele, em conversar com ele sobre a vocação e receber alguma lembrança especial. Eu também quis tratar com ele das coisas da alma”.<sup>13</sup>

5. Nas biografias edificantes de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco emergem indicadores interessantes de método a respeito da maneira de preparar o terreno para o acompanhamento espiritual. Desde o primeiro encontro, Dom Bosco procura *criar as condições favoráveis para a relação formativa*, instituindo com os jovens um canal comunicativo de tonalidade afetiva. Com inteligência e intuito, põe em ação processos psicológicos que miram desfazer preconceitos e desconfianças, criar *confiança e simpatia recíprocas*. Estabelece um diálogo sereno, orientado para o conhecimento da pessoa. Quer conhecer a sua história, sua situação, seu caráter e suas aspirações. Procura compreender os desejos, as necessidades. *Ajuda a levantar o olhar*, abre-lhe horizontes significativos repletos de sentido. Finalmente oferece sua ajuda concreta para a solução de um problema, para a realização de um desejo. Assim, o jovem se sente compreendido, acolhido, amado e apoiado. Surge nele o reconhecimento, a confiança, a tendência a entregar-se e a colaboração educativa.

<sup>13</sup> J. BOSCO, *Memórias*, cit. 116.

O resto virá depois, quando, inserido no ambiente educativo do Oratório, rico de propostas formativas, de relações humanas significativas, de vivacidade, de liberdade de expressão, o jovem chegará progressivamente a tomar consciência da própria interioridade, nas suas luzes e sombras, de necessidades e desejos indistintos – como vemos no caso de Miguel Magone. Então a confiança no amigo educador o levará à *abertura do coração sem resistências*, a uma disponibilidade mais profunda. O acompanhante, assim, poderá *abrir horizontes interiores, indicar os percursos e os passos* para libertar-se dos condicionamentos e aceder aos níveis superiores do espírito, na resposta aos apelos de Deus. As biografias dos três jovens, como o relato da amizade com o padre Calosso, delineiam esse momento exaltante no qual o menino *começa a ver a realidade sob uma nova luz*: valores e experiências religiosas, antes vividas superficialmente ou só de forma mecânica, agora adquirem significado e ele é levado a empreender sem demora e com alegria o caminho espiritual.

Por exemplo, a descrição da mudança ocorrida no modo de sentir e de agir de Miguel Magone, depois da confissão geral, é a expressão concreta da eficácia da *assistência espiritual* realizada por Dom Bosco. No curso do primeiro mês transcorrido em Valdocco, fiel à promessa feita, ele procurava cumprir seus deveres diários, mas sem nenhum entusiasmo. Seu coração estava em outros lugares, como escreve Dom Bosco: “Quase não sentia gosto em nada durante a recreação. Cantar, gritar, correr, pular, fazer estardalhaço, era tudo o que agradava a seu temperamento feroso e vivaz”.<sup>14</sup> Pouco a pouco, a proximidade e a amizade de um bom companheiro, o tom elevado e estimulante do ambiente, o confronto com a qualidade moral e espiritual dos outros jovens, levam-no a tomar consciência do próprio estado interior e o mergulham numa *crise* desconfortável. Acompanhado com sabedoria educativa e delicadeza por Dom Bosco, é encaminhado a realizar uma conversão do coração.<sup>15</sup> Assim ele pode passar de um angustiante e indistinto sentimento de culpa à consciência cristã da misericórdia de Deus. Decide “romper com o demônio”. O temor se traduz em amor, em entrega generosa de si mesmo ao Senhor e ele se descobre feliz e conscientemente introduzido no mundo da vida espiritual. Dom Bosco descreve com eficácia a serenidade provada pelo jovem, sua alegre experiência de libertação interior. A partir daquele

<sup>14</sup> G. Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell’Oratorio di S. Francesco di Sales*, Turim, Tip. G.B. Paravia e Comp., 1861, 15.

<sup>15</sup> *Ibid.* 16-24.

momento, tudo para ele adquire luminosidade e significado. Acontece como uma transfiguração no modo de entender a si mesmo e a vida. Miguel continua a ser muito vivaz no recreio, mas é também o primeiro no cumprimento dos deveres de cada dia, mais atento e serviçal para com os colegas.<sup>16</sup> Dom Bosco mostra como a nova atitude de Miguel caminhou para “um espírito de fê viva”, “uma exemplar solicitude”, “um comportamento edificante em todas as práticas de piedade”, vividas no recolhimento e no fervor: é o amor de Deus que tomou posse do seu coração e o transfigurou.<sup>17</sup> Depois deste primeiro passo decisivo, que não é outra coisa senão a apropriação batismal, abre-se larga a estrada da vida espiritual.

6. Nas biografias dos seus jovens, Dom Bosco acena explicitamente às *atitudes que podem tornar fecunda uma relação de acompanhamento espiritual*. Dirigindo-se aos jovens, em primeiro lugar ele insiste na importância de escolher um “fiel amigo da alma” com o qual possam viver em “*filial confiança*”. Sobre este ponto ele insiste com frequência porque o considera qualificador da sua proposta educativa. Ele se refere ao *clima de sereno relacionamento* necessário para celebrar dignamente e com fruto o sacramento.

“Lembrem-se – escreve na vida de Magone – de que o confessor é um pai que deseja ardentemente fazer-lhes todo o bem possível, e procura afastar de vocês toda espécie de mal [...]. Posso garantir-lhes que quanto mais forem sinceros e tiverem confiança nele, também ele aumentará sua confiança em vocês e terá sempre mais condições de lhes dar os conselhos e avisos que lhe parecerão mais necessários e oportunos para as suas almas [...]. Eu quis dizer-lhes estas coisas para que não se deixem enganar pelo demônio, calando por vergonha algum pecado na confissão”.<sup>18</sup>

É o primeiro passo. Mas Dom Bosco *tende a identificar educador, confessor e “diretor” espiritual*. Por isso, insiste num relacionamento marcado pela confiança. “Procurem com frequência seu confessor, rezem por ele, sigam seus conselhos. Depois, quando tiverem escolhido um confessor que percebam ser adaptado às necessidades de sua alma, não mudem mais sem necessidade. Enquanto não tiverem um confessor estável no qual vocês depositam toda a sua confiança, sempre lhes faltará o amigo da alma”.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> Cf. *Ibid.*, 33-39.

<sup>17</sup> *Ibid.*, 29.

<sup>18</sup> *Ibid.*, 25.

<sup>19</sup> *Ibid.*, 26.

O discurso depois é dirigido aos confessores, com o convite a “*acolher com amabilidade*” os jovens penitentes, *ajudá-los* “a expor os problemas da sua consciência”, insistir “que venham confessar-se com frequência”, *apoiá-los* com todo “empenho para que ponham em prática os conselhos”, *corrigir* “com bondade” sem jamais repreendê-los. Conclui-se com um conselho, fruto da experiência, para eliminar qualquer possível perturbação psicológica quanto ao passado e todo sentimento de culpa que deforme o olhar objetivo sobre si mesmo e comprometa a serenidade necessária para uma sólida construção interior: “Quando tiverdes conquistado a confiança, com prudência abri o caminho para indagar se as confissões do passado foram bem feitas [...]. Convide-se o jovem a examinar bem o estado da própria consciência, particularmente dos sete aos dez anos”.<sup>20</sup> Nunca se deve esquecer que, no ambiente formativo de Valdocco, *o convite à confiança vai além de um momento e do objeto do sacramento*, abrange toda a vivência e as múltiplas ocasiões quotidianas de encontro entre o jovem e o educador. Para Dom Bosco a relação entre confessor e jovem nunca pode ser separada do processo educativo, e deve estender-se a um acompanhamento formativo em sentido amplo.

Nas vidas de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco, encontramos indicações mais específicas. Em Domingos Savio, sublinha-se de preferência a *entrega* confiante e confidencial. Já desde o primeiro encontro, impaciente para saber o parecer de Dom Bosco, com o qual tinha imediatamente sintonizado “*em plena confidência*”, Domingos pergunta: “Então, o que acha? Levar-me-á a Turim para estudar? – Eh! Parece-me que temos aqui uma bela fazenda. — Para o que pode servir essa fazenda? — Para fazer uma bela roupa para oferecer a Deus. — Então, eu sou a fazenda; o senhor é o alfaiate; por isso, leve-me junto e fará uma bela roupa para Deus”.<sup>21</sup> Dom Bosco é mais explícito quando apresenta as disposições manifestadas pelo jovem no segundo encontro, quase sugerindo que este foi o segredo dos sucessivos progressos espirituais. “Ao chegar à casa do Oratório, veio até os [meus] aposentos para *entregar-se inteiramente nas mãos dos seus superiores*, como ele dizia”.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> *Ibid.*, 27-28.

<sup>21</sup> G. Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell’Oratorio di San Francesco di Sales*, Turim, Tip. G.B. Paravia e Comp., 1859, 35.

<sup>22</sup> *Ibid.*

Idêntica é a atitude de Francisco Besucco, o qual, vindo para Valdocco, quis fazer uma confissão geral: “como eu *quero colocar a minha alma em suas mãos*, assim desejo *manifestar-lhe toda a minha consciência*, para que possa conhecer-me melhor e com mais segurança dar-me os conselhos que serão mais convenientes para salvar a minha alma”.<sup>23</sup> Trata-se de uma manifestação de si mesmo sem reservas. *A confiança no educador, percebido como amigo e pai afetuosos, gera a entrega e a disponibilidade*. Sabemos que a entrega confiante de si mesmo por parte do educando, no sistema de Dom Bosco, é em grande parte fruto de um modo de ser e de posicionar-se do educador: da sua caridade ardente, da sua ativa e afetuosa disponibilidade, da sua capacidade de empatia, da generosa e cordial disponibilidade a doar-se pelo bem do jovem. É a qualidade da sua pessoa, são seus gestos concretos que conquistam o coração do jovem, o induzem à confiança e à confidência. A essas disposições ele atribuía um valor determinante. Recomendava-as continuamente aos salesianos e as apresentou também na narração autobiográfica do itinerário pessoal na realização da missão oratoriana. Também o fez evocando o intenso liame juvenil com o padre Calosso. Colocou-o em relevo com maior intensidade ao acenar à direção do padre Cafasso: “O padre Cafasso, meu guia havia seis anos, foi também meu diretor espiritual, e se fiz algum bem, devo-o a este digno eclesiástico, *em cujas mãos coloquei minhas decisões, estudos e atividades*”.<sup>24</sup> A reconstrução do diálogo com o mestre, ao final dos estudos no Colégio eclesiástico, evidencia de forma impressionante a qualidade de *obediência incondicional* e de “*santa indiferença*” que ele configura como expressão plena da vocação cristã, pressuposto para a realização plena e amorosa da vontade divina: “Quero reconhecer a vontade de Deus na sua deliberação e não quero que nela entre a minha vontade”.<sup>25</sup>

Em síntese:

- o acompanhamento é parte integrante da assistência salesiana; as atitudes do acompanhante salesiano são as que caracterizam o Sistema Preventivo;

<sup>23</sup> G. Bosco, *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d'Argentera*, Turim, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales, 1864, 101.

<sup>24</sup> J. BOSCO, *Memórias*, 120.

<sup>25</sup> *Ibid.* 131.



- um traço básico é o do cuidado personalizado, da intimidade materna que se torna mistagogia espiritual;
- outra característica é a da adoção paterna, do responsabilizar-se, da amizade educativa por meio da qual iluminar, introduzir nas dinâmicas da vida interior e gerar a Deus e a si mesmos;
- é importante também um modo de ser e um estilo relacional simpático e jovial, unido ao testemunho de profundidade interior e à paixão comunicativa.

Dom Bosco é modelo: ele tende a identificar em si o educador, o confessor e o diretor espiritual; insiste na acolhida afetuosa, na bondade, na magnanimidade e no cuidado dos particulares, na intensidade do afeto demonstrado, de modo que os jovens se entreguem e se abram, colaborem com a ação formativa com uma obediência pronta e cordial.